



PROCESSO ALUSIVO EM TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA A DOM QUIXOTE DE LA MANCHA

NUNES, Renata A.
OLIVEIRA, Irenísia T. de (Orientadora)

Resumo

O processo alusivo remonta ao período clássico. Tal procedimento perpetuou-se ao longo da história, sendo praticado inclusive por escritores que não intencionaram aderir-lhe - caso de Lima Barreto no que tange à sua obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* em relação a *Dom Quixote de La Mancha*. Há, naquela, a presença de índices alusivos a esta, especialmente entre os respectivos protagonistas. Assim, este trabalho pretende deslindar este processo, de modo a evidenciar a alusão temática realizada na obra barretiana ao protagonista cervantino.

Palavras-chave: Alusão Temática. Dom Quixote. Policarpo Quaresma.

O processo alusivo

O ato de um escritor tomar de empréstimo elementos pertencente à obra de outro e particularizá-los em nova obra é um processo que remonta à literatura clássica. Conforme observa Paulo Sérgio de Vasconcellos, “os antigos romanos sempre tiveram consciência de que a sua literatura era, na quase totalidade, ‘de segundo grau’, isto é, uma reelaboração criativa de formas e temas emprestados à cultura grega, considerada exemplar, paradigma de excelência” (VASCONCELLOS, 2001, p.13). Entretanto, a relação entre os escritores que adotam este recurso e os autores tomados como modelo não é de inferioridade, mas de integração, pois esta co-presença de textos passa a fazer parte da estrutura da nova obra de modo a criar novos significados para o elemento de empréstimo. O próprio autor do novo texto instiga, por vezes, a apreensão por parte do leitor do jogo alusivo ali presente.

Esse processo literário continua a ser praticado não só entre escritores que o fazem declaradamente, mas também entre aqueles que não manifestam essa pretensão, apesar de alcançarem-na, como é o caso de Lima Barreto e sua obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* em relação a Miguel de Cervantes e seu clássico *Dom Quixote de La Mancha*. Tal correspondência diz respeito, de modo geral, às fortes semelhanças entre as características e o comportamento dos protagonistas, assim como à relação de desajuste manifesta por ambos em face da sociedade que os cerca (fruto de suas leituras voltadas à defesa nacional).

Assim, este trabalho tem a finalidade de mostrar a alusão presente na obra barretiana ao protagonista cervantino, através da relação entre o comportamento, o idealismo, o embate social e os propósitos nacionalistas manifestos por Policarpo Quaresma após suas leituras e o processo

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

semelhante vivenciado por Dom Quixote, levando-se em conta questões sociais, históricas e literárias que cercavam a produção das duas obras.

Para compreender como se dá esse processo, adotar-se-á neste trabalho a noção de transtextualidade desenvolvida por Gerard Genette, a saber, tudo que relaciona o texto, manifesta ou secretamente, a outros textos "(GENETTE, 2006, p.7). Assim, com base nos variados níveis de vinculação que um texto pode estabelecer com outro, Genette enumera cinco tipos de relações transtextuais, as quais sejam: intertextualidade, arquitextualidade, paratextualidade, metatextualidade e hipertextualidade. Para a finalidade deste trabalho, interessa, sobretudo, o último tipo, pois nele se fundamenta a relação que aqui se pretende demonstrar entre as duas obras literárias em destaque. Genette o define do seguinte modo:

“Entendo por hipertextualidade toda relação que une um texto B (que chamarei hipertexto) a um texto anterior A (que, naturalmente, chamarei hipotexto) do qual ele brota, de uma forma que não é a do comentário [...]. Dizendo de outra forma, consideremos uma noção geral de texto de segunda mão (desisto de procurar, para um uso tão transitório, um prefixo que abrangeria ao mesmo tempo o hiper- e o meta-) ou texto derivado de outro texto preexistente. Esta derivação pode ser de ordem descritiva e intelectual, em que um metatexto (por exemplo, uma página da Poética de Aristóteles) “fala” de um texto (Édipo Rei). Ela pode ser de uma outra ordem, em que B não fale nada de A, no entanto não poderia existir daquela forma sem A, do qual ele resulta, ao fim de uma operação que qualificarei, provisoriamente ainda, de transformação, e que, portanto, ele evoca mais ou menos manifestamente, sem necessariamente falar dele citá-lo” (GENETTE, 2006, p. 12-13).

Assim, mesmo que o hipertexto não cite o texto preexistente, ou mesmo que o autor não aluda a este conscientemente, é possível admitir uma relação de co-presença textual. Desse modo, embora não seja intenção do escritor que seu texto interaja com outros, isso pode ocorrer, pois há obras tão grandiosas que inevitavelmente acabam exercendo influências sobre aquelas que lhe sucedem. “Tudo que é grande nos modela, tão logo nos chega à consciência”, já dizia Goethe (apud BLOOM, p. 86). Aqueles que sucedem tais escritores continuam a viver sob seu impacto, dialogando com suas obras ou com concepções e implicações dela derivadas. Relação essa que se estabeleceu entre Dom Quixote, figura que se tornou símbolo de uma loucura heróica aliada à leitura, e sua descendência de personagens, da qual faz parte Policarpo Quaresma.

Assim, este trabalho tem a finalidade de mostrar a alusão presente na obra barretiana ao protagonista cervantino através da relação entre o comportamento, o idealismo, o embate social e os propósitos nacionalistas manifestos por Policarpo Quaresma após suas leituras e o processo semelhante vivenciado por Dom Quixote, levando-se em conta questões sociais, históricas e literárias que cercaram a produção das duas obras.

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará
Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Interpretação dialética entre texto e contexto

Dom Quixote de La Mancha, obra de autoria do espanhol Miguel de Cervantes, foi escrita na época em que tem início o declínio do romance de cavalaria. Não é por acaso que o livro retrata o mundo dos cavaleiros andantes de modo a satirizar um tipo de romance que gozou de imensa popularidade na Europa durante os séculos XV e XVI. Conforme salienta Lukács, o romance cervantino situa-se no começo do período em que o homem volta-se para dentro de si em busca do sentido do mundo, não enxergando mais correspondente transcendental para justificar e orientar seu comportamento. Cervantes, portanto, atinge a essência dessa problemática, demonstrando em seu romance que o “mais puro heroísmo tende tornar-se grotesco e que a fé mais arraigada tende tornar-se loucura quando os caminhos para uma pátria transcendental tornaram-se intransitáveis” (LUKÁCS, 2009, p.107).

O protagonista do romance chama-se Alonso Quijano, fidalgo mal sucedido da província da Mancha. Fanático leitor de romances de cavalaria, isolou-se na biblioteca de sua casa para ler todos os livros que ali houvesse, dedicou-se a essa atividade a ponto de abandonar a administração de sua propriedade e vender vários pedaços de terras semeáveis para comprar o maior número de novelas de cavalaria. Assim, as leituras levaram-no a tomar os fatos fictícios dos livros lidos como referência para sua vida. Envolvido nas aventuras fabulosas presentes nos livros, decide por em prática os ideais de seus protagonistas, os cavaleiros andantes. Proclama-se Dom Quixote de la Mancha, veste uma velha armadura da família e, montado em um cavalo esquálido e sem raça que nomeia Rocinante, parte em busca de aventuras e de restabelecer o sentimento de honra e de justiça.

Já a obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, do escritor Lima Barreto, também surge em tempos de profundas contradições sociais e políticas. Seu protagonista, Policarpo Quaresma, corresponde a um dedicado leitor de obras genuinamente nacionais, o qual acreditava que conhecendo a fundo seu país seria capaz de remediar os males que assolavam a nação. Assim, depois de trinta anos de leituras e meditação patriótica, o personagem se julga capaz de propor reformas para a construção da identidade e melhoria de seu país. Aferra-se, então, a um projeto utópico que propõe alternativas para redirecionar os tortuosos caminhos da nação. O momento histórico em que se desenvolvem as ações de Quaresma diz respeito aos primeiros anos da República, período marcado por agudos problemas sociais, tais como opressão, nepotismo, arrivismo, clientelismo e miséria. A deformação na configuração do personagem foi a forma encontrada por Lima para denunciar essa realidade.

Assim, reconhecendo “uma interpenetração dialética de texto e contexto” (Candido, p13, 2006), pode-se afirmar que ambas as figuras representaram uma forma de seus autores

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

demonstrarem insatisfação diante do panorama social e político de suas respectivas nações. Através de Quixote, Cervantes satiriza a figura do cavaleiro, o qual teve grande importância durante a Idade Média como membro de uma ordem a serviço da Coroa e da Igreja, investindo contra diversas nações em favor da conquista de terras e de adeptos para o Catolicismo, num empreendimento que levou a Espanha a ruína. Com Policarpo, Lima desvela os problemas advindos da Primeira República, desmascarando a falsa imagem que se criara em torno de Floriano Peixoto e a ilusão de que os hábitos europeus se adequavam à nação brasileira.

Alusão de Policarpo a Quixote

As alusões do romance de Lima Barreto à obra de Cervantes ficam implícitas ao longo dos incidentes vividos por seu personagem central. Tais alusões, contudo, podem ser mais claramente identificadas por meio da comparação entre trechos das duas obras que apresentam elementos comuns a trajetória dos dois “visionários”, como a fascinação pela leitura de fatos que marcaram as respectivas nações; o isolamento social de ambos aliado a tal fascínio; a loucura considerada ponto culminante de suas obstinadas leituras e de suas ações inaceitáveis, entre outros. O primeiro desses indícios corresponde ao hábito da leitura adotado por Policarpo e Quixote em momentos de ócio inicialmente e ao fato de seus livros dizerem respeito às respectivas nações.

“Durante os lazeres burocráticos, estudou, mas estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política. [...] Vivendo a quase trinta anos só sem se chocar com o mundo. Nem mesmo a afilhada o tirava dessa reserva, embora a estimasse mais que a todos. Desinteressado de dinheiro, de glória e posição, vivendo numa reserva de sonho, adquirira a candura e a pureza d’alma que vão habitar esses homens de uma ideia fixa, os grandes estudiosos, os sábios e os inventores, gente que fica mais terna, mais ingênua, mais inocente que as donzelas das poesias de outras épocas ” (BARRETO, 1956, p.33).

“É pois de saber que este fidalgo nos intervalos que tinha de ócio se dava a ler livros de cavalarias, com tanta afeição e gosto que esqueceu quase de todo do exercício da caça, e até da administração de seus bens; e a tanto chegou a sua curiosidade e desatino neste ponto, que vendeu muitos trechos de terra de sementeira para comprar livros de cavalaria que ler, com o que juntou em casa quantos pode apanhar daquele gênero” (CERVANTES, 1960, p.44).

Como se nota, Policarpo, atraído pela leitura de livros que o levassem a conhecer mais o Brasil, tinha em casa uma vasta biblioteca em que todos os exemplares eram de caráter nacional, e usufruía de seu acervo em momentos de lazer, dos quais nem a afilhada o tirava. Da mesma forma, Quixote se interessa por um tipo de livro que traz a figura do cavaleiro, considerado símbolo de honra, justiça e coragem em sua nação durante a Idade Média, fazendo suas leituras nos intervalos que tinha de ócio, de modo a se esquecer de tudo em sua volta. Ambos abdicam de seu patrimônio

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

(no caso de Policarpo Quaresma além de dinheiro, glória e posição social) em virtude de seu desatino pelos livros. Observa-se também que no primeiro trecho, o narrador faz referência aos “homens de ideia fixa”, dos quais o ícone por excelência na literatura mundial é a figura de Dom Quixote.

Assim como o fidalgo manchego, após intensa leitura, o Major Quaresma decide colocar o que leu em prática. Desse modo, aquele envia um requerimento à Câmara tratando de adotar o Tupi como língua nacional, no sentido de resgatar as legítimas raízes brasileiras, enquanto Quixote incorpora a figura fictícia de um cavaleiro andante, saindo pelo mundo a fim de lutar contra os malfeitores e de defender os oprimidos. Os trechos que se seguem denotam tais pontos em comum entre as duas obras:

“É preciso não esquecer que o Major Quaresma depois de trinta anos de meditação patriótica, de estudos e reflexões, chegava agora ao período da frutificação. A convicção que sempre tivera de ser o Brasil o primeiro país do mundo e o seu grande amor à pátria eram agora ativos e impeliram-no a grandes cometimentos. Ele sentia agora impulsos de agir, de obrar e de concretizar suas ideias [...]” (BARRETO, 1956, p. 45).

“Afim, rematado já de todo o juízo, deu no mais estranho pensamento em que nunca jamais caiu louco algum do mundo, e foi: parecer-lhe convinável e necessário, assim para aumento de sua honra própria, como para proveito da república, fazer-se cavaleiro andante, e ir-se por todo o mundo, com suas armas e cavalo, à cata de aventuras, e exercitar-se em tudo que tinha lido [...]” (CERVANTES, 1960, p.46).

Havia chegado o momento em que as leituras dos dois personagens produziram resultados, portanto, deveriam “exercitar-se em tudo que tinham lido”. O primeiro se via movido pelo “amor à pátria” e o segundo, tanto por “sua honra própria” como pela “honra da República”, ou seja, tanto um como outro tinham como foco atuar sobre o plano nacional, estando implícita uma crítica à situação vivenciada nas duas nações. No Brasil, a crítica se fazia à decadência vivida durante os anos da Primeira República e tanto à importação como à valorização dos hábitos e moldes estrangeiros, de modo a requerer uma identidade nacional. Na Espanha, a crítica se direcionava à decadência do Reinado de Felipe III e ao romance de cavalaria, pois nesse momento histórico, o país encontrava-se em profunda crise devido às guerras coloniais; com o fim desses combates, muitos intelectuais ficaram desiludidos com a crise vivida no país, buscando criar uma nova identidade para o mesmo.

Cervantes e Lima recorrem, nesse intuito, ao passado mítico de suas nações, embora o primeiro o faça de maneira a criticar determinado comportamento que marcou tempos remotos. Assim, “a primeira coisa que fez (Dom Quixote) foi limpar umas armas que haviam sido de seus

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

bisavós e que jaziam para um canto esquecidas havia séculos” (Cervantes, p.46, 1960), já Policarpo, adotou costumes dos goitacás para receber seu compadre e sua afilhada. Entretanto, a maneira como os personagens buscavam configurar a identidade nacional, ou seja, por meio de uma recuperação do passado mítico mostrou-se incompatível com os hábitos aceitos pela sociedade, havendo um desencontro de visões. Tanto Policarpo como Dom Quixote tornaram-se vítimas da opinião pública que os classificou como insanos, devido à tentativa de recuperação de uma série de costumes que não era mais possível serem atualizados nos respectivos contextos nacionais, identificando-se as leituras empreendidas por ambos como causa de suas atitudes em desacordo. Note-se essa constatação a seguir:

- “- O Quaresma está doido.
- Mas... o quê? Quem foi que te disse?
- Aquele homem do violão. Já está na casa de saúde...
[...]
- Nem se podia esperar outra coisa, disse o doutor Florêncio. Aqueles livros, aquela mania de leitura...
- Pra que ele lia tanto? Indagou Caldas.
- Telha de menos, disse Florêncio.
- Ele não era formado, para que se meter em livros?
[...]
- Devia até ser proibido, disse Genelício, a quem não possuísse um título ‘acadêmico’ ter livros. Evitavam-se assim essas desgraças. Não acham?
- Decerto, disse Albernaz.
- Decerto, fez Caldas.
- Decerto, disse também Sigismundo” (LIMA BARRETO, 1956, p.77-78).
- “- Saiba, senhor mestre Nicolau – era o nome do barbeiro -, que muitas vezes sucedeu meu tio estar lendo nestes desalmados livros de desventuras, dois dias com duas noites a fio, até que por fim arrojava o livro, metia a mão à espada, e andava às cutiladas com as paredes. [...] Mas quem tem a culpa toda sou eu, que não avisei a tempo Vossas Mecês dos disparates do senhor meu tio, para acudirem com remédio antes das coisas chegarem ao que chegarem [...]” (CERVANTES, 1960, p.68-69).

Já que o major não pertencia ao “distinto público acadêmico”, sua relação com os livros era mal vista dentro daquela sociedade de aparências. De acordo com Daniela M. Kahn, “qualquer biblioteca, independentemente do tipo de livros que contivesse, seria por definição perniciosa a não ser que o leitor tivesse nível universitário” (KAHN, 2008, p.7), pois os livros são um meio de conhecimento efetivo da realidade, assim a leitura possui poder conscientizador, representando, portanto, um perigo à ordem estabelecida. Em Dom Quixote, observa-se que também se atribui os descabros de Alonso Quijano ao poder nocivo exercido pelos livros, que iam de encontro à ordem religiosa em voga. Assim, tanto em uma obra como na outra se destaca a presença de uma ordem

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

soberana que se manifesta contra a leitura indiscriminada em favor da manutenção dos respectivos sistemas de dominação.

Considerações finais

A partir do estudo realizado, ao longo deste trabalho, sobre a questão do processo alusivo realizado na obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* em relação à *Dom Quixote*, foi possível evidenciar que, de fato, há um entrelaçamento entre os dois textos, de modo que, para a plena compreensão dos traços e comportamentos quixotescos do major Quaresma, é necessário recorrer ao seu intertexto. Tal constatação torna-se evidente por intermédio de uma análise comparativa entre o trajeto dos dois personagens, tendo como parâmetro a maneira como os temas da loucura, da leitura, da perda de um passado mítico e da construção de uma identidade nacional foram articulados trabalhados por Lima Barreto e Miguel de Cervantes, respectivamente, o que vai ao encontro aos críticos que consideram Policarpo Quaresma como o “Dom Quixote brasileiro”.

Como se pode perceber, o mito quixotesco faz parte da constituição de Policarpo Quaresma, tornando-se nítido nos diversos aspectos que caracterizam o comportamento do patriota ingênuo e na repercussão causada pelos seus atos em face de um mundo completamente divergente daquele que idealizava. As alusões à obra de Cervantes são implícitas, mas são claramente identificáveis através do simbolismo da ação quixotesca, que ganha novos sentidos ao atualizar sua verdade idealista em específica realidade brasileira. A configuração quixotesca da personagem não se limita aos anos de leituras que lhe surtiram excêntricas idéias nacionalistas, mas se estende ao seu idealismo patriótico incongruente com o mundo que o circundava, à sua fidelidade aos princípios.

Referências

- BARRETO, Afonso Henriques Lima de. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. Org. Francisco de Assis Barbosa com a colaboração de Antonio Houaiss e M. Cavalcante Proença, São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BLOOM, Harold. **A Angústia da Influência**. Cotovia: Lisboa, 1991.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CERVANTES, Miguel de Saavedra. **Dom Quixote**. Tradução de Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Círculo do livro, s/d.
- GENETTE, Gerard. **Palimpsestos: la literatura en segundo grado**. Madrid: Taurus Ediciones, 1989.
- KAHN, Daniela M. O Julgamento da biblioteca no *Quixote* e *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. In. **XI Congresso Abralic Tessituras, interações e convergências**. USP. São Paulo, 13 a 17/07/2008.
- LUKÀCS, Georg. **A Teoria do Romance**. Tradução de José Marcos M. de Macedo. São Paulo: Duas cidades/ Ed. 34, 2009.